

DO CAPITÃO SWING A PANCHO VILLA: RESISTÊNCIAS CAMPONESAS AO CAPITALISMO NA HISTORIOGRAFIA DE ERIC HOBBSBAWM *

Michael Löwy **

RESUMO

*Este artigo examina os principais elementos constitutivos da abordagem de Eric Hobsbawm (tomando como eixo de análise três de suas obras: **Primitive Rebels**, **Bandits e Captain Swing**) em torno das revoltas camponesas, nos séculos XIX e XX, identificadas como movimentos de resistência à expansão capitalista no campo e, também, pelo componente milenarista que as anima. Pretende-se demonstrar como esta abordagem proposta por Hobsbawm é útil para a apreensão de movimentos sociais contemporâneos da América Latina, como os protagonizados pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México, e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *Eric Hobsbawm; Historiografia Marxista; Milenarismo; Rebeliões Camponesas*

Eric Hobsbawm é um homem das Luzes: não define ele o socialismo como o último e o mais extremo descendente do racionalismo do século

* Traduzido do francês por Carlos A. A. Ferraz e Araújo. E-mail: carlosaalfa@uol.com.br.

** Diretor do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) e professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales.

XVIII (1959, p. 126)? Não é, pois, espantoso que a distinção entre *moderno* e *primitivo* ou *arcaico* ocupe um lugar importante em seus trabalhos.¹ Entretanto, ao se examinar alguns dos seus escritos, e, em particular, as três obras dos anos 1959-1969 dedicadas às formas ditas arcaicas de revolta, percebe-se que sua abordagem se distingue de maneira evidente da vulgata *progressista* graças a seu interesse, sua simpatia e até seu fascínio – são seus próprios termos – pelos movimentos *primitivos* de resistência e de protesto antimoderno (anticapitalista) dos camponeses. Falamos de **Primitive Rebels** (1959), **Bandits** (1969) e **Captain Swing** (1969).²

Essa atitude, ao mesmo tempo metodológica, ética e política, implica um distanciamento para com uma certa historiografia que tende a negligenciar – em função, conforme denuncia Hobsbawm, de uma deformação racionalista e *modernista* – esses movimentos, considerando-os como sobreviventes bizarros ou fenômenos marginais. Ora, insiste Hobsbawm, essas populações *primitivas*, notadamente rurais, são ainda hoje – isto é, nos anos 50 – a grande maioria da nação na maior parte dos países do mundo. Além disso, e isso é amplamente decisivo para o historiador, *foi sua tomada de consciência política que fez de nosso século o mais revolucionário da história* (Hobsbawm, 1959, p. 2-3). Em outras palavras: esse tipo de movimento, longe de ser marginal, está na fonte ou na raiz das grandes perturbações revolucionárias do século XX, em que os camponeses e as massas pobres dos campos tiveram um papel decisivo: a Revolução Mexicana de 1911-19, a Revolução Russa de 1917, a Revolução Espanhola de 1936, a Revolução Chinesa e a Revolução Cubana. A idéia é apenas sugerida por Hobsbawm, que não trata diretamente de nenhum desses eventos, mas ela constitui uma espécie de segundo plano de suas pesquisas sobre os *primitivos*.³

Nas observações que se seguem, tentarei sistematizar uma reflexão que é antes fragmentária e disseminada nos estudos de casos concretos que fazem o trabalho do historiador.

¹ Coloco sistematicamente em itálico as palavras *primitivo* ou *arcaico* – o que não é sempre o caso de Eric Hobsbawm – para indicar uma certa distância crítica para com termos que são úteis mas, apesar de tudo, bastante marcados por uma visão evolucionista ou *modernista* da história.

² Não tratarei aqui dos trabalhos de E. Hobsbawm sobre os camponeses publicados durante os anos 70 e incluídos na notável coletânea **Uncommon People** (Hobsbawm, 1998). Sua problemática é diferente, e eles não se referem – ou pouco se referem – aos dois aspectos que me interessam no presente artigo: a resistência ao capitalismo e o *milénarismo* revolucionário.

³ Infelizmente, esta pista não é seguida por Hobsbawm na sua história do século XX: ele mostra de maneira muito pertinente como o processo de modernização conduz, após a Segunda Guerra Mundial, a um espetacular declínio dos camponeses, mas não aborda as resistências camponesas a esse declínio e tampouco examina, de maneira mais sistemática, o papel das camadas camponesas *primitivas* nos grandes movimentos revolucionários do século (Cf. Hobsbawm, 1994, p. 289-294).

Para compreender essas revoltas, observa Hobsbawm, é preciso partir da constatação de que a modernização, a irrupção do capitalismo no campo, a introdução do liberalismo econômico e das relações sociais modernas significam uma verdadeira catástrofe para as sociedades camponesas tradicionais, um autêntico cataclismo social que as desarticula completamente (*out of joint* é o termo inglês intraduzível). Seja esse advento do mundo capitalista encarado como um processo insidioso, pela operação de forças econômicas que os camponeses não compreendem, seja apreendido como uma irrupção brutal, por conquista ou mudança de regime, ele é percebido por esses camponeses como uma agressão mortal ao seu modo de vida. As revoltas camponesas de massa contra essa nova ordem, vivida como insuportavelmente injusta, são muitas vezes inspiradas pela nostalgia do mundo tradicional, dos *bons velhos tempos* - mais ou menos míticos - e tomam a forma de uma espécie de *ludismo político* (Hobsbawm, 1959, p. 3, 67, 119).

Por exemplo, as epidemias de banditismo social são, em uma grande medida, a reação das comunidades camponesas à destruição de seu modo de vida pelo mundo moderno. Quanto ao potente impulso do anarquismo rural na Andaluzia no século XIX - um dos mais impressionantes movimentos de *milenarismo revolucionário* (voltaremos a este ponto) - ele deve ser compreendido como uma reação dos camponeses à introdução das relações sociais e legais capitalistas na região (Hobsbawm, 1972, p. 15; 1959, p. 82-83). Mas o caso de resistência rural anticapitalista que Hobsbawm estudou de maneira mais sistemática foi o da revolta dos trabalhadores agrícolas ingleses, em 1830, um movimento protestatário de massa que, utilizando métodos *arcaicos* - incêndios de celeiros, destruição de máquinas - evocava um mítico *Capitão Swing*. No livro que dedicou, em colaboração com seu amigo George Rudé, a essa rebelião ferozmente reprimida pelas autoridades - dezenove execuções, 481 deportações para a Austrália e 644 condenações a pesadas penas de prisão, para uma revolta que destruiu propriedades mas não causou uma única morte do lado de seus inimigos - Hobsbawm caracteriza o movimento como uma resistência improvisada, espontânea, *arcaica*, contra a lógica do mercado e o pleno triunfo do capitalismo rural. Não foi por acaso que as regiões mais avançadas do país, do ponto de vista da mecanização da produção e do

desenvolvimento de uma agricultura comercial - como *East Anglia* - foram os principais epicentros da revolta (Hobsbawm; Rudé, 1969, p. 15-16, 19, 83).⁴

É difícil encontrar palavras, escreve Hobsbawm, para descrever a degradação social dos trabalhadores rurais ingleses em consequência do advento, no curso dos anos 1750-1850, da sociedade industrial. Uma a uma, *com a inevitabilidade de um drama trágico*, as defesas do trabalhador agrícola contra os males tradicionais da pobreza - doença, velhice, desemprego - foram-lhe retiradas, e ele perdeu os poucos direitos tradicionais e de segurança com os quais ainda contava. Graças a novas medidas estabelecidas a partir de 1795 - o célebre *sistema de Speenhamland* - os salários diminuíram progressivamente, para serem substituídos pela atroz *caridade* das *Poor Laws* (Leis para os Pobres), com suas regras humilhantes, degradantes e repugnantes. Os operários agrícolas se encontraram inseridos em um contexto econômico e social mais duro, desigual e desumano que o do passado. Foi, pois, uma sombria acumulação de raiva, ódio, ressentimento e desesperança que provocou a explosão social de 1830 (Hobsbawm, 1959, p. 52, 75-76).⁵

Nesse contexto é compreensível que a revolta do *Capitão Swing* tenha sido amplamente inspirada pela nostalgia do passado, pela defesa dos direitos costumeiros das camadas rurais pobres e pelo desejo de restaurar a ordem tradicional que as amparava; neste sentido, o movimento era, segundo Hobsbawm (1969, p. 16), uma espécie de *manifesto geral do passado contra o porvir* (contra o presente, parece-me, seria mais preciso).

Entretanto, recusando-se a seguir uma certa tradição *modernista* - tanto liberal quanto de esquerda - o historiador não caracteriza de modo algum esse movimento como *reacionário*. Longe de condená-lo por *saudosismo*, Hobsbawm atribui o fracasso do movimento ao fato de ele não ter conseguido se estender aos meios urbanos: *Talvez a maior tragédia de "Swing" resida na constatação de que a revolta em momento algum conseguiu se articular com a rebelião da mina, da usina e da cidade* (1969, p. 19).

⁴ Todas as passagens citadas, como as seguintes, se referem aos capítulos redigidos por Hobsbawm, na divisão do trabalho, com seu colega Rudé, indicada no prefácio do livro. É evidente que a Inglaterra dos anos 1830 representava um grau bem mais avançado na modernização da agricultura e no desenvolvimento do capitalismo rural que as regiões do sul da Europa, onde os fenômenos de banditismo social conheceram seu impulso principal.

⁵ A análise de Hobsbawm deve muito à obra de Karl Polanyi, *La grande transformation* (1945), a qual ele homenageia numa nota saudando *este livro brilhante e injustamente negligenciado* (Hobsbawm, 1959, p. 54).

Mesmo o ato pelo qual a revolta entrava diretamente em contradição com o progresso tecnológico, a destruição das máquinas separadoras (*threshing machines*) - o tipo de prática desprezada pelos historiadores prisioneiros do fetichismo das *forças produtivas* - lhe parece social e humanamente compreensível. Essas máquinas, que retiravam dos trabalhadores rurais sua principal ocupação durante os longos e difíceis meses de inverno, condenando-os ao desemprego e à fome, representavam para eles, uma *tragédia inqualificável* e o próprio símbolo de sua miséria. Daí a hostilidade universal, o ódio geral dirigido contra essas ferramentas mecânicas que foram maciçamente destruídas, com golpes de martelo ou de barras de ferro, pelos *Swings*. Em vez de denunciar esses atos como *arcaicos* ou *irracionais*, Hobsbawm - que reconhece que *o historiador deste levante se sentiu fascinado, tocado e emocionado pelo seu objeto* - apreende a destruição das máquinas de separação, assim como sua neutralização parcial durante algumas décadas, como o resultado mais eficaz da revolta! Constatando a superioridade, sob esse ponto de vista, do *Capitão Swing* sobre o *Rei Ludd*, ele conclui dessa forma seu balanço histórico acerca dos acontecimentos de 1830:

As máquinas separadoras não retornaram à escala antiga. Dentre todos os movimentos de destruição de máquinas do século XIX, foi esse, protagonizado por trabalhadores rurais frágeis [helpless] e desorganizados, que se revelou, de longe, o mais eficaz (1969, p. 298).⁶

O que vale para os *Swings* aplica-se também a outros movimentos de *ludismo político*, de revolução tradicionalista contra *aquilo que o mundo exterior [...] chama "o progresso"*, como os levantes camponeses na Rússia ou na Itália do Sul, em nome do Czar ou dos Bourbons (1959, p. 119; 1972, p. 18-19).

Esses movimentos contestam a ordem estabelecida? Chegamos aqui a uma das principais questões que preocupam Hobsbawm: em que condições e sob que formas a revolta *primitiva* pode se transformar em movimento revolucionário?

⁶ Vários anos antes de seu colega E. P. Thompson, Hobsbawm tinha tomado a defesa dos *ludditas* e de outros *quebradores de máquinas* contra os ataques inspirados pela *apologética econômica das classes médias*. Cf. o artigo *The Machine Breakers*, publicado originalmente em 1952 e republicado na coletânea **Uncommon People** (Hobsbawm, 1998, p. 5-17).

No caso do banditismo social, a passagem é difícil. Os movimentos pela independência nacional são mais compreensíveis para a cultura política arcaica dos bandidos sociais do que os movimentos revolucionários modernos, que não são unicamente dirigidos contra uma potência estrangeira. Acontecem, todavia, como no caso da Revolução Mexicana de 1911-19, ocasiões em que os dois mundos se encontram:

O grande Pancho Villa, aquele formidável general dos exércitos revolucionários, foi conduzido à Revolução Mexicana por homens de Madero. De todos os bandidos profissionais do mundo ocidental, foi talvez ele quem teve a mais bela carreira revolucionária (1972, p. 104-106).⁷

Dentre todas as formas de revolta *primitiva*, os movimentos milenaristas parecem ser, aos olhos do historiador, os mais aptos a se tornarem revolucionários. Existiria entre milenarismo e revolução uma espécie de *afinidade eletiva* - é minha terminologia e não de Hobsbawm -, uma analogia estrutural:

A essência do milenarismo, a esperança em uma mudança completa e radical do mundo que se traduzirá no milênio, um mundo desembaraçado de todos os seus defeitos atuais, não se limita ao primitivismo. Ela está presente, quase por definição, em todo movimento revolucionário, de qualquer espécie que seja, e elementos "milenaristas" podem ser descobertos pelo pesquisador em qualquer um desses movimentos, desde que ele ostente alguns ideais (Löwy, 1988).

Os movimentos milenaristas *arcaicos* na Europa têm, acrescenta Hobsbawm, três traços característicos: 1) o aspecto revolucionário, isto é, a rejeição profunda e total do mundo nefasto (*evil*) existente adicionada à aspiração passional por um outro e melhor mundo; 2) uma ideologia de tipo quiliasta (*chiliasmique*), geralmente de inspiração judaico-cristã⁸; 3) uma indeci-

⁷ Curiosamente, Hobsbawm não parece se interessar pelo outro grande revolucionário mexicano: Emiliano Zapata. Seu nome não figura em **Primitive Rebels**. Ele o menciona mais tarde, no artigo de 1973 sobre os camponeses e a política, mas me parece que Hobsbawm subestima em muito o alcance do movimento camponês milenarista e revolucionário por ele liderado, afirmando que *a influência política do programa agrário de Zapata resulta do fato de que suas tropas camponesas estavam suficientemente próximas para ocupar a capital* [do México] (Cf. Peasants and Politics. In: Hobsbawm, 1998, p. 154.)

⁸ As outras religiões, na medida em que consideram o mundo como estável ou cíclico, são menos favoráveis ao impulso do milenarismo.

são fundamental a respeito dos mecanismos de realização da nova sociedade (1959, p. 17-18).

Graças à problemática do milenarismo, a historiografia de Hobsbawm incorpora, em sua análise dos acontecimentos históricos, toda a riqueza da subjetividade sociocultural, a profundidade das crenças, dos sentimentos e das emoções, que não são mais, por essa ótica, apreendidos simplesmente como subprodutos do *jogo objetivo* das forças econômicas ou políticas. Esta receptividade à dimensão subjetiva se traduz também pelo fato de que a análise em termos de classes sociais não elimina o lugar irredutível ocupado pelos indivíduos - tanto célebres quanto desconhecidos - aos quais o historiador dá, muitas vezes, a palavra.

Ao mesmo tempo em que distingue cuidadosamente os milenarismos *primitivos* dos revolucionarismos modernos, Hobsbawm não deixa de insistir sobre o parentesco (ou afinidade) eletivo que os une: *Mesmo os revolucionários modernos menos milenaristas exibem um traço [streak] de “impossibilismo” que os torna primos dos Taboritas e dos Anabatistas, um parentesco que eles jamais renegaram* (1959, p. 64).⁹

Isso não quer dizer que *todos* os movimentos revolucionários são milenaristas no sentido estrito ou, ainda pior, que compartilham a alçada de um quiliasmo de tipo *primitivo*.¹⁰ E, da mesma forma, nem todo movimento milenarista é necessariamente revolucionário, como, por exemplo, a agitação messiânica ao redor do profeta Davide Lazzaretti, na Toscana, por volta dos anos 1870, estudada por Hobsbawm em **Primitive Rebels** (p. 68-73).

Mesmo assim, a afinidade entre ambos não deixa de constituir um dado fundamental na história das revoltas camponesas contra a modernização capitalista. Trata-se, parece-me, de uma das hipóteses de pesquisa mais interessantes esboçadas por Hobsbawm nos seus trabalhos dessa época. O historiador vai ilustrar suas palavras com dois estudos de casos completamente apaixonantes: o anarquismo rural na Andaluzia e as ligas camponesas da Sicília, ambos originários do final do século XIX com prolongamentos no século XX.

⁹ De onde vem o interesse de Hobsbawm pelo milenarismo, patente em seus escritos do final dos anos 50? Numa entrevista conosco em 20 de março de 1982, ele sugeria três explicações possíveis: *Talvez por causa de minha participação em um movimento revolucionário. Era, também, o período do XX Congresso do PCUS e se sentia uma necessidade de um balanço geral, de questionamento. Finalmente, eu fui influenciado por antropólogos que trabalharam sobre este tema, notadamente Max Glucksmann e seus discípulos, como Peter Worsley, que era, na época, meu camarada de partido.*

¹⁰ Hobsbawm se dissocia aqui do trabalho de Norman Cohn, **The Pursuit of the Millenium** (1957), que ele acusa, não sem razão, de suprimir - com uma intenção política evidente - todas as diferenças entre os dois.

O anarquismo agrário espanhol é talvez *o exemplo mais impressionante de um moderno movimento de massas milenarista, ou quase milenarista*. Por seu revolucionarismo simples, por sua rejeição total e absoluta deste mundo perverso e opressivo, por sua fé absoluta na *grande mudança*, no advento de um mundo de Justiça e Liberdade, esse movimento comunista libertário - que correspondia de maneira perturbadora (*uncanny*) aos sentimentos e aspirações espontâneos dos camponeses andaluzes e à sua recusa da nova ordem capitalista - *era utópico, milenarista, apocalíptico* (1959, p. 83-90).

A atitude do historiador diante dos anarquistas andaluzes é marcada pela ambivalência. Por um lado, ele não esconde sua admiração pela energia social dos anarquistas, por seu fervor apaixonado, sua crença na educação, na ciência e no progresso, por sua sede de conhecimentos (mesmo sobre asnos, o militante continuava a ler, deixando a rédea sobre o animal!), por seu ideal simples e grandioso de uma sociedade justa e livre e, sobretudo, por seu espírito de solidariedade internacionalista, que tornava o *sapateiro de um pequeno povoado da Andaluzia consciente de ter irmãos lutando pela mesma causa em Madri e em Nova Iorque, em Barcelona e em Livorno ou Buenos Aires*. Mesmo seus levantes messiânicos, efetivados a cada dez anos, sempre destinados ao fracasso, porque isolados, eram, talvez, *nas dadas circunstâncias, a menos desesperada das técnicas revolucionárias disponíveis*. Em suma, o anarquismo andaluz é um fenômeno que só pode ser *intensamente emocionante para qualquer pessoa que se interesse pelo destino do ser humano* (1959, p. 82, 90, 107).

Por outro lado, Hobsbawm acredita - e aqui é evidentemente o comunista inglês quem fala - que pela ausência de organização, estratégia, tática e paciência, *suas energias revolucionárias foram quase inteiramente desperdiçadas*. Esse julgamento sumário é em parte desmentido pela constatação, alguns parágrafos acima, de que, uma vez dadas as condições, como em julho de 1936, os vilarejos anarquistas foram muito bem capazes de levar a cabo *uma revolução clássica [...] tomando o poder das mãos das autoridades locais, dos policiais e dos proprietários de terras* (1959, p. 90-91).¹¹

¹¹ Curiosamente, o historiador não menciona a experiência das coletividades agrárias libertárias em 1936-37. Em outros textos dos anos 1966-1969, Hobsbawm tratou do anarquismo, expressando sua admiração, mas sobretudo reservas e críticas. Apesar de sua convicção da *ineficácia* das práticas anarquistas, ele não deixa de rejeitar os ataques stalinistas contra as idéias libertárias no decorrer dos anos 1930, no contexto da Guerra Civil Espanhola, que ele atribui a *uma tentativa de dar uma legitimidade teórica ao desenvolvimento stalinista de um Estado ditatorial e terrorista* (Cf. Bolshevism and the Anarchists. In: Hobsbawm, 1975, p. 70).

A prova de sua ineficácia e de seu caráter irremediavelmente pré-moderno, segundo o historiador, reside na constatação de que, *na derrota, o anarquismo é impotente*. Na Andaluzia, apenas os comunistas se mostraram capazes de organizar uma atividade ilegal e núcleos de resistência armados após a guerra civil ou a partir de 1944-46 (1959, p. 91-92).

Esse balanço um tanto unilateral é questionado pela existência de grupos de guerrilheiros anarquistas, notadamente na Catalunha; é o caso, por exemplo, daquele - é verdade, em um contexto urbano, e não rural como na Andaluzia - sob a direção do militante libertário Francisco Sabaté Llopart, dito *Quico*, um veterano da 26ª Divisão Durruti, que conduziu, de 1945 a 1960, espetaculares ações clandestinas em Barcelona: expropriações de bancos, ataques contra a polícia etc.¹²

Por ocasião desse estudo de caso, de um *expropriador* revolucionário catalão, Hobsbawm esboça um outro balanço do movimento anarquista que, mesmo mantendo uma distância crítica, não deixa de ser uma homenagem calorosa, que encontra poucas equivalentes sob a pena de um historiador comunista. Os militantes libertários catalães, escreve ele:

eram impulsionados pela “idéia” do anarquismo, este sonho intransigente e louco que compartilhamos todos, mas que poucos homens, à parte os espanhóis, jamais tentaram realizar, ao preço do risco de uma derrota total e da redução do movimento operário à impotência. Seu mundo era o mundo em que os homens são dirigidos pelas puras exigências da consciência moral; onde não há nem pobreza, nem governo, nem prisões, nem policiais e onde não há outra obrigação e disciplina a não ser aquelas ditadas pela luz interior; onde não existem outras relações sociais a não ser as da fraternidade e do amor; onde não há nem mentiras, nem propriedade, nem burocracia (1972, p. 114).

Devemos ver nesta homenagem surpreendente a influência do espírito de Maio de 68 sobre o historiador?¹³

¹² A história deste grupo e de seu principal animador é contada detalhadamente por Hobsbawm no seu livro **Bandits**. Ao mesmo tempo em que critica sua falta de realismo, o autor é literalmente fascinado por *Quico* Sabaté, esta *figura lendária, este herói trágico*, morto em 1960, em combate com a polícia de Franco. Hobsbawm lhe dedica nada menos que 15 páginas - em um pequeno livro de apenas 145 na edição francesa. Este capítulo não contém praticamente nenhuma nota de rodapé: é evidente que Hobsbawm reconstruiu a biografia do seu personagem através de uma minuciosa investigação pessoal junto a antigos camaradas e amigos de *Quico*, exilados na França. Para o historiador que, por assim dizer, o salvou do esquecimento, Francisco Sabaté *permanece presente em nossa memória em companhia de outros heróis, e isto é justo* (Hobsbawm, 1972, p. 113-128).

¹³ O livro foi publicado em 1969.

O outro movimento milenarista revolucionário estudado pelo historiador, o das ligas camponesas da Sicília, apresenta, aos seus olhos, um caráter exemplar, na medida em que se trata de um movimento agrário *primitivo* que, pela adesão ao socialismo e ao comunismo, se torna *moderno*. Como na Andaluzia, que apresenta com a Sicília semelhanças impressionantes, os camponeses se revoltaram, no final do século XIX, contra a introdução das relações capitalistas no campo - cujas conseqüências foram agravadas pela depressão agrária mundial dos anos 1880. O movimento tomou forma com a fundação e a expansão das ligas camponesas, geralmente sob direção socialista, seguidas de motins e de greves, numa escala que assustou o governo italiano, conduzindo-o à utilização da tropa para esmagar o perigo (1959, p. 96-97).¹⁴

Esse movimento era *primitivo* e milenarista na medida em que o socialismo apregoado pelas ligas era, para os camponeses sicilianos, uma nova religião, a verdadeira religião do Cristo - traído pelos padres aliados aos ricos - que anunciava o advento de um mundo novo, sem pobreza, fome e frio, segundo a vontade de Deus. Cruzes e imagens santas eram exibidas em suas manifestações, e o movimento, que contava com uma importante participação das mulheres, se estendeu, entre 1891 e 1894, como uma epidemia: as massas camponesas eram arrastadas pela crença messiânica de que a irrupção de um novo reino de justiça era iminente. Ao mesmo tempo, como mostram inúmeros testemunhos - por exemplo, as declarações impressionantes, reproduzidas entre os documentos anexos ao livro, de uma mulher camponesa do povoado de Piana dei Greci - *não havia dúvidas de que o que os camponeses desejavam era uma revolução, uma sociedade nova, justa, igualitária e comunista* (1959, p. 98-101).

Apesar da derrota de 1894, movimentos camponeses permanentes puderam ser constituídos, graças às práticas organizacionais modernas dos socialistas, em certas regiões da Sicília, tendo sido herdados, após a Grande Guerra, pelo movimento comunista. A história do povoado de Piana dei Greci ilustra esta continuidade. Epicentro das revoltas no fim do século XIX, ele é, ainda nos anos 50 do século XX, um reduto comunista: *seu entusiasmo milenarista originário tinha se metamorfoseado em algo mais durável; uma fidelidade permanente e organizada a um movimento social-revolucionário moderno*. Essa evolução não se

¹⁴ Estas organizações camponesas eram também chamadas *fasà*, mas para evitar confusões deploráveis, prefiro utilizar o termo *ligas*, que também aparece no texto de Hobsbawm.

resume, na opinião de Hobsbawm, a uma simples substituição do *arcaico* pelo *moderno*, mas se constitui numa espécie de *integração dialética* - no sentido da *Aufhebung* hegeliana-marxista - do primeiro (*arcaico*) no segundo (*moderno*): a experiência de Piana *mostra que o milenarismo não está condenado a ser um fenômeno temporário, mas pode, sob condições favoráveis, se converter no fundamento de uma forma de movimento permanente e extraordinariamente coriáceo e resistente* (1959, p. 101-105).

Em outras palavras: o milenarismo não deve ser considerado unicamente como *uma tocante sobrevivência de um passado arcaico*, mas como uma força cultural que permanece ativa, sob uma outra forma, em movimentos sociais e políticos modernos. A conclusão que Hobsbawm propõe no fim de seu capítulo dedicado às ligas camponesas sicilianas assume, com toda evidência, um alcance histórico, social e político mais amplo e universal:

Quando integrado [harnessed] a um movimento moderno, o milenarismo pode não apenas tornar-se politicamente eficaz, como também pode fazê-lo sem a perda desse zelo, dessa fé fervorosa em um mundo novo e dessa generosidade na emoção que o caracterizam até nas suas formas mais primitivas e perversas. Ninguém pode ler o testemunho da camponesa anônima de Piana sem desejar que seu espírito seja preservado (1959, p. 106-107).

Esta observação pode ser considerada um pouco como a moral da história que extraímos do conjunto dos escritos de Hobsbawm sobre o milenarismo e sobre as revoltas primitivas.

* * * *

Parece-me que Eric Hobsbawm abriu uma apaixonante trilha de pesquisa que merece ser seguida não apenas por historiadores, mas também por sociólogos ou antropólogos políticos e por estudiosos de fenômenos sociais atuais. Citarei apenas dois exemplos extraídos de meu próprio campo de pesquisa como sociólogo interessado pela América Latina: o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) de Chiapas (México) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Brasil. Ambos são movimentos camponeses de protesto (e resistência) contra a modernização capitalista, ambos exibem componentes milenaristas que os aproximam dos fenômenos estuda-

dos pelo historiador inglês e ambos são movimentos fundamentalmente modernos pelo seu programa, suas reivindicações, suas práticas e suas formas de organização.

O EZLN nasceu da fusão, nas montanhas de Chiapas, do guevarismo (que também não deixa de ter uma dimensão milenarista) de um punhado de militantes urbanos com a revolta *arcaica* das comunidades indígenas maias e com o messianismo cristão das comunidades de base (fundadas nos anos 70 pelo bispo de Chiapas, Monsenhor Samuel Ruiz), sob a égide suprema da lenda milenarista de Emiliano Zapata. O resultado desse explosivo coquetel político-cultural e sócio-religioso foi uma das rebeliões camponesas mais originais dos anos 90.

É verdade que o levante zapatista de janeiro de 1994 era orientado pelo protesto à opressão secular dos indígenas maias pelas autoridades e pelos proprietários de terras, mas ele estava também diretamente motivado pelas medidas neoliberais de modernização implementadas pelo governo federal: a privatização das comunidades rurais (*ejidos*), consagradas pela Revolução Mexicana, e o acordo de livre-comércio com os EUA que, abrindo o México ao milho transgênico das empresas norte-americanas de agronegócios, ameaçava de ruína a cultura tradicional do milho das comunidades indígenas - base, há milênios, de sua identidade cultural.

O movimento zapatista se distingue também por um componente libertário, que se manifesta tanto na auto-gestão dos povoados quanto pela recusa em disputar o jogo político e de ter em mira a *tomada do poder*. É a razão pela qual os movimentos anarquistas ou anarco-sindicalistas, que experimentam um certo retorno de atividade, notadamente no sul da Europa, fizeram da solidariedade com os insurretos do Chiapas um dos seus principais eixos de intervenção.

Quanto ao MST brasileiro, este tem suas raízes socioculturais na Pastoral da Terra da Igreja, nas comunidades de base e na Teologia da Libertação. Também esse movimento se caracteriza por uma mistura espantosa de religiosidade popular, revolta camponesa *arcaica* e organização moderna, numa luta radical pela reforma agrária e, por fim, pela edificação de uma *sociedade sem classes*. Esse movimento, de forte componente emocional, *místico* (é a palavra que utilizam os próprios militantes para designar o estado de espírito dos participantes) ou *milenarista* (no sentido amplo) - a semelhança com as ligas

camponesas sicilianas de 1890 é impressionante -, reúne centenas de milhares de camponeses, meeiros e trabalhadores agrícolas e tornou-se, atualmente, o mais importante movimento social do Brasil e a principal força de protesto contra a política de modernização neoliberal dos sucessivos governos brasileiros.

A julgar por esses exemplos, o milenarismo revolucionário - a forma mais radical das resistências camponesas contra a modernização capitalista - tal como o estudou Eric Hobsbawm, não é necessariamente um fenômeno do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOBSBAWM, E.; RUDÉ, G. **Captain Swing**. London: Weidenfels and Nicholson, 1969.

HOBSBAWM, E. **Age of Extremes**. The short twentieth century 1914-1991. London: Penguin, 1994.

_____. **Les Bandits**. Paris: Maspero, 1972. (1969)

_____. **Primitive Rebels**. Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th centuries. New York: Norton Library, 1959.

_____. **Revolutionaries**. New York: Meridian Books, 1975.

_____. **Uncommon People**. New York: The New Press, 1998.

LÖWY, M. **Rédemption et Utopie**. Le Judaïsme Libertaire en Europe Centrale. Une étude d'affinité élective. Paris: PUF, 1988.

DU CAPITAINE SWING À PANCHO VILLA: RÉSIDENCES PAYSANNES AU CAPITALISME DANS L'HISTORIOGRAPHIE D'ERIC HOBSBAWM

RÉSUMÉ

*Dans cet article on examine les principaux éléments qui constituent l'abordage d'Eric Hobsbawm (en prenant comme axe d'analyse trois de ses œuvres: **Primitive Rebels**, **Bandits** et **Captain Swing**) autour des révoltes paysannes, dans le XIX^e et XX^e siècles, identifiées comme des mouvements de résistance au capitalisme. Du fait de cette opposition à l'expansion capitaliste dans la campagne et de la composante millénariste qui l'anime, on veut démontrer comment cet abordage proposé par Hobsbawm est utile pour la compréhension*

de mouvements sociaux contemporains de l'Amérique Latine, comme ceux de l'Armée Zapatiste de Libération Nationale, au Mexique, et ceux du Mouvement des Travailleurs Ruraux Sans Terre, au Brésil.